



# IDeIAS

Informação sobre *Desenvolvimento, Instituições e Análise Social*

## “O inimigo é o modelo”!<sup>1</sup> Breve leitura do discurso político da Renamo

Sérgio Chichava

Uma das formas de compreender ou analisar a identidade de um actor (individual ou colectivo) é olhar para o seu discurso. Neste sentido, olhando para alguns fragmentos discursivos, propõe-se aqui analisar o discurso político do partido Renamo (Resistência Nacional Moçambicana). Defende-se a ideia de que a compreensão do discurso da Renamo só faz sentido quando comparado com o discurso do seu grande inimigo político, a Frelimo. Poucos estudos foram feitos nesta área, de entre os quais destaca-se um trabalho de Michel Cahen<sup>2</sup>, que analisa o discurso político da Renamo durante a guerra civil e durante os primeiros anos da sua transformação em partido político. Tal como defendido noutra lugar (Chichava 2009), e inspirado em D. Mayaffre, o discurso político é melhor entendido quando visto como uma questão de identidade ou uma estratégia identitária:

“Em análise, o principal objectivo de um discurso político não seria, assim, veicular uma mensagem, propagar uma ideologia, incitar à acção, mas **afirmar a identidade de um orador para favorecer a identificação de um auditório**; afirmar a identidade de um locutor individual (um homem) ou colectivo (um partido, uma classe, um grupo parlamentar, um sindicato) para favorecer a identificação de um público (os militantes, o povo, os eleitores). Em outras palavras, o objectivo de um discurso político é de construir um espaço linguístico no qual o grupo poderá constituir-se, reconhecer-se e existir. (D. Mayaffre, 2003)”.

Neste sentido, o discurso político da Renamo revela que este partido tem, em grande parte, a mesma cultura política da Frelimo, pois, como diz Cahen (1997), a

Renamo procura legitimar-se usando o discurso da Frelimo *contra* a Frelimo.

No texto, primeiramente será feita uma leitura breve do discurso da Frelimo e do seu presidente no presente mandato (2004-2009) para, em seguida, mostrar-se a apropriação deste discurso da Frelimo pela Renamo.

### GUEBUZA (2004-2009): UM DISCURSO PRENHE DE NACIONALISMO

Para além de uma referência constante à luta contra a pobreza, definida como principal missão do seu Governo, tanto o discurso de Armando Guebuza como o discurso dos dirigentes da Frelimo têm sido marcado por uma grande dose de expressões de tipo nacionalista, que marcaram inegavelmente o seu actual mandato. De entre elas, podem-se citar os casos de “pérola do Índico” (em referência à situação geográfica de Moçambique)<sup>3</sup>; “pátria amada” (nome do novo Hino nacional, introduzido em 2002 em substituição do antigo hino do período monopartidário); “nosso belo Moçambique”, “nosso maravilhoso povo”. Para além destas, outras expressões que não são apenas características da “era Guebuza”, como “Povo Moçambicano” e “nosso Povo”, são também abundantes tanto no discurso presidencial como no discurso “frelimista”. Segundo Luís de Brito (2009:12), expressões de carácter nacionalista constituem a espinha dorsal do discurso do presidente Guebuza. O nacionalismo no discurso de Guebuza também pode ser lido através das constantes referências à necessidade de união entre os moçambicanos, da necessidade de combater o tribalismo, regionalismo, e outros factores que, na óptica do presidente da Frelimo, são potenciais factores de instabilidade do país. A valorização dos chamados heróis nacionais, com a evocação e celebração de figuras há muito

caídas no esquecimento, também demonstra o nacionalismo de Guebuza.

Ainda de acordo com Luís de Brito, a forte presença deste discurso nacionalista explica-se, por um lado, pela necessidade de consolidar o processo da construção da nação e legitimar a Frelimo como libertadora de Moçambique e, por outro lado, pela tentativa de deslegitimar, política e historicamente, a Renamo e os demais partidos de oposição (Brito, 2009:12). Como se sabe, a Renamo sempre foi vista como um simples grupo de “bandidos armados” ao serviço de regimes hostis à Frelimo e, como tal, jamais poderia pretender ser equiparada a um partido histórico como a Frelimo.

Como se mostrará aqui, o interessante nisto tudo não se circunscreve apenas em fazer uma listagem do “novo” léxico político guebuziano, mas, principalmente, em mostrar que, apesar de a Frelimo ser o grande adversário político da Renamo, este último partido acaba por adoptar, inconscientemente ou conscientemente, o léxico político da Frelimo.

### O MIMETISMO “RENAMISTA” AO DISCURSO “FRELIMISTA”

O mimetismo da Renamo em relação à Frelimo, o qual, nota-se, não é recente, não se circunscreve apenas ao discurso, mas também à imagem e à maneira de funcionamento deste último partido. Já durante a guerra civil, tal fenómeno era notório, como foi amplamente mostrado por Michel Cahen (1997). Apoiando-se em diferentes exemplos e citando documentos internos da Renamo durante a guerra civil, Cahen mostra, por exemplo, a passagem de *Mozambique National Resistance* (MNR), — nome inicial deste movimento — para Resistência Nacional Moçambicana (Renamo), para adoptar-se uma consonância mais próxima de “Frelimo”; a denominação, ainda durante a guerra civil,

<sup>1</sup>Inspirado em Michel Cahen (1997).

<sup>2</sup>Michel Cahen (1997).

<sup>3</sup>A expressão “pérola do Índico” já era usada no tempo colonial. Ver por exemplo, Joaquim A. Correia (1953).

de Renamo como “Partido Renamo”, equivalente de “Partido Frelimo”; a existência do cargo de *comissário político*<sup>4</sup> — substituído mais tarde pelo de *delegado político* —; a designação “*A Luta Continua*”, uma das palavras de ordem da Frelimo, à revista da Renamo, que era publicada em Lisboa nos anos 1980. Todos estes factores revelam o mimetismo da Renamo, isto é, o seu desejo de ser “igual” ao inimigo (Cahen, 1997:77).

Segundo Michel Cahen, para a Renamo, “a necessidade do mimetismo é muito forte, o inimigo é o modelo, a Renamo precisa de utilizar contra a Frelimo, o discurso da Frelimo” (Cahen, 1997:76).

Se os exemplos acima citados correspondem ao período em que a Renamo ainda era movimento guerrilheiro, será que, volvidos quase vinte anos depois da sua transformação em partido político, algo mudou no seu discurso? Ou seja, a entrada de novos militantes com uma certa formação, assim como a urbanização da sua principal liderança, teriam criado uma nova cultura política neste partido?

Os exemplos que seguem, de entre os quais, nos dois primeiros (do actual chefe da bancada da Renamo, Viana de Magalhães e do antigo porta-voz da bancada deste partido e candidato derrotado ao município de Maputo, Eduardo Namburete), encontra-se a expressão “pátria amada” e, nos dois exemplos a seguir (da deputada da Renamo pelo círculo da Zambézia, Elisa Silvestre), a expressão “maravilhoso povo”, e por último a expressão “Pérola do Índico” (de Manuel Araújo, deputado da Renamo, também pelo círculo da Zambézia), mostram claramente que a Frelimo, inimiga da Renamo, continua a ser “modelo” para este partido:

“É para mim um privilégio e honra estar aqui hoje, perante vós, meus pares a proferir o discurso de abertura em nome da Bancada Parlamentar da Renamo-UE, na certeza de que Vossas Excias e demais interessados irão dispensar parte do vosso precioso tempo. Honra porque fá-lo em nome e em representação do maior Partido da Oposição de Moçambique, *nossa pátria amada!* Privilégio porque não é todos os dias que temos esta oportunidade de falar em nome dos que não têm voz, nesta magna casa do povo (V. Magalhães, 11 de Março de 2009).”

“Pouco tempo depois. O Pai colocou a sua bênção sobre mim e tive a oportunidade de fazer os

curso de Jornalismo e de Radialismo (rádio e televisão) na mesma Universidade Metodista de São Paulo, no Brasil. Depois de uma relativamente longa estadia no Brasil regressi a *pátria amada* (E. Namburete, 2008).”

“Ao iniciar a minha intervenção, saúdo todo o povo moçambicano, em especial da província da Zambézia, meu círculo eleitoral q u e no dia-a-dia resiste à discriminação na alocação dos vulgo 7 milhões, ...Para tanta resistência deste *maravilhoso Povo* é caso para dizer, bem-haja Povo moçambicano, bem hajam os zambebianos (E. Silvestre, 21 de Abril de 2009).”

“A Frelimo esqueceu-se da hospitalidade e do calor que teve deste *maravilhoso povo* do centro do país aquando do seu nono congresso... (E. Silvestre, s.d).”

“Foi emocionante ver cidadãos pacatos de Chimuzara, Caia e de outros cantos desta *pérola do índico* a celebrarem a inauguração da ponte sobre o Zambeze...(M. Araújo, 2 de Agosto de 2009).”

Como explicar este mimetismo?

A explicação está na génese da Renamo, um partido que, como se sabe, tem na Frelimo a origem da maior parte dos seus militantes, pelo menos ao nível da direcção. De uma certa forma, Luís de Brito tem razão quando diz que este mimetismo resulta do facto de a maior parte dos militantes da Renamo serem oriundos da Frelimo, e, portanto, possuírem a mesma cultura política. Mas também se pode argumentar que a Renamo precisa desfazer-se da imagem negativa, de um movimento anti-patriótico e não nacionalista a soldo de regimes hostis à Moçambique; precisa também de ser vista como um partido civilizado como a Frelimo, daí o uso do discurso do “inimigo”. Enfim, pode-se dizer que isto resulta, em grande medida, da incapacidade da Renamo em produzir um discurso alternativo ao da Frelimo.

#### Referências:

ARAÚJO, Manuel (2009), “Ponte sobre o Zambeze”, 2 de Agosto, <http://macua.blogspot.com/moambique-para-todos/2009/08/ponte-sobre-o-zambeze.html> (acessado a 18 de Agosto de 2009).

BRITO, Luís de (2009), “Discurso político e pobreza em Moçambique: análise de três

discursos presidenciais”, *Conference Paper 8* (paper apresentado na II Conferência do IESE), Maputo, 22-23 de Abril, [http://www.iese.ac.mz/lib/publication/II\\_conf/CP8\\_2009\\_Brito.pdf](http://www.iese.ac.mz/lib/publication/II_conf/CP8_2009_Brito.pdf) (acessado a 14 de Agosto de 2009).

CAHEN, Michel (1997), “Entrons dans la nation. Notes pour une étude du discours politique de la marginalité: le cas de la Renamo du Mozambique”, *Politique Africaine*, nº 67, Paris, Karthala, p. 70-88.

CHICHAVA, Sérgio (2009), “Por que Moçambique é pobre?”. Uma análise do discurso de Armando Guebuza sobre a pobreza, *Conference Paper 19*, (paper apresentado na II Conferência do IESE), Maputo, 22-23 de Abril, [www.iese.ac.mz/lib/publication/II.../CP19\\_2009\\_Chichava.pdf](http://www.iese.ac.mz/lib/publication/II.../CP19_2009_Chichava.pdf) (acessado a 17 de Agosto de 2009).

CORREIA, Joaquim Augusto (1953), “Ilha de Moçambique... futura pérola do Índico”, *Revista d'aquém e d'além mar*, Ano IV, nº 41, p. 7.

DUPUY, Roger (2005), *Nouvelle histoire de la France contemporaine. La République jacobine: Terreur, guerre et gouvernement révolutionnaire 1792-1794*, Paris, Seuil.

MAGALHÃES, Viana (2009), *Discurso de abertura da X sessão ordinária da Assembleia da República*, Maputo, Assembleia da República, 11 de Março.

MAYAFFRE, Damon (2003) “Dire son identité politique. Étude du discours politique français au XX<sup>e</sup> siècle”, *Cahiers de la Méditerranée*, nº 66, p. 247-264.

NAMBURETE, Eduardo (2008), Município de Maputo. Sem medo de ser feliz, [http://namburete.awardspace.com/artigos.php?subaction=showfull&id=1225666748&archive=&start\\_from=&ucat=38&](http://namburete.awardspace.com/artigos.php?subaction=showfull&id=1225666748&archive=&start_from=&ucat=38&) (acessado a 14 de Agosto de 2009).

SILVESTRE, Elisa (2009), *Discurso pronunciado na Assembleia da República*, Maputo, Assembleia da República, 21 de Abril.

SILVESTRE, Elisa (s.d.), *Discurso pronunciado na Assembleia da República*, Maputo, Assembleia da República.

<sup>4</sup>É interessante notar aqui, que a função de “comissário político”, embora tenha sido usada pela primeira vez durante a Revolução francesa, é típica dos regimes marxistas, ideologia que a Renamo dizia combater. O mesmo se pode dizer da expressão “A Luta Continua”. Sobre a função de comissário político, ver, Roger Dupuy (2005).